
DECORATIVO, APENAS?

JÚLIO POMAR
E A INTEGRAÇÃO DAS ARTES

Curadoria **Catarina Rosendo**



A presente exposição, comissariada pela historiadora da arte Catarina Rosendo, mostra ao público, pela primeira vez, um conjunto muito significativo de obras realizadas por Júlio Pomar no domínio das “artes decorativas”, também conhecido como o da “integração das artes”.

Centrada principalmente nas décadas de 1940, 50 e 60, a exposição dá igualmente a ver alguma da produção mais recente do artista nesta área.

Introdução

Um dos critérios orientadores da montagem foi desfazer a clássica distinção entre artes ditas “maiores” e “menores”, mostrando antes, “no mesmo plano de visão e ao lado uns dos outros, objectos decorativos de uso quotidiano, obras de arte, originais, múltiplos, cópias, fotografia de autor, fotografia documental, desenhos técnicos de arquitectura, memórias descritivas e minutas de contratos”, como revela Catarina Rosendo, no texto do catálogo¹. Por outras palavras, a exposição trata os diferentes elementos como “objectos de cultura”².

Através desta opção, procurou-se assim, também, “evidenciar (...) as colaborações e parcerias criadas no âmbito da realização das obras de carácter decorativo, tenham elas sido com arquitectos, com ceramistas e vidreiros ligados à indústria, com promotores e encomendadores, e mesmo com os fotógrafos”³.

¹ Catarina Rosendo, *Decorativo, Apenas? – Júlio Pomar e a Integração das Artes*, texto inserido no catálogo da exposição.

² Foi desta forma que a comissária Catarina Rosendo se referiu aos diferentes elementos presentes na exposição, durante uma visita guiada.

Arte e Arquitectura

Tais colaborações entre Júlio Pomar e os seus pares tornam-se, desde logo, perceptíveis através da leitura de textos publicados em algumas das mais relevantes revistas da especialidade, tais como a *Vértice*, a *Arquitectura*, a *Mundo Literário* e a *Horizonte – Jornal de Arte*, cujos originais se podem apreciar em mesas-vitrines colocadas no centro da sala. Com efeito, arquitectos e artistas, mais ou menos afectos aos ideais do neo-realismo, partilhavam entre si, nestes anos após a Segunda Guerra Mundial, afinidades e influências que, vindo “de fora das artes plásticas”, se encontravam antes “na arquitectura funcionalista escandinava e norte-americana, na complementaridade entre arquitectura e artes plásticas (...), no modernismo arquitectónico brasileiro (...) e nos projectos globais (...) de movimentos como o neo-plasticismo e a Bauhaus”⁴. Em cidades como Lisboa assistia-se a um claro processo de expansão, urbanização e modernização, que envolvia activamente – na teoria, como na prática – os artistas e os arquitectos mais informados e renovadores. Segundo palavras de Catarina Rosendo, “a geração de Júlio Pomar, ao contrário do que se possa pensar, era muito esclarecida, sabia o que se passava noutros países”⁵.

³ *Idem*.

⁴ *Idem*.

⁵ Palavras de Catarina Rosendo, durante uma visita guiada à exposição.

Documentação escrita / gráfica

A par da documentação escrita, pode ver-se, nas paredes, a documentação gráfica, relacionada com as diferentes obras apresentadas. Refira-se, a este propósito, a relevância dos desenhos preparatórios e da fotografia a preto e branco. Os primeiros, pelo que constituem de “revelação” do processo criativo de Júlio Pomar, dando a ver a génese das suas ideias; as segundas pelo seu valor histórico – e qualidade inegável – sendo quase todas provenientes de um dos mais importantes estúdios lisboetas, o de Mário Novais. A fotografia a cores, por seu turno, é mais recente e atesta, quer a localização actual de algumas obras, quer o seu efectivo estado de conservação.

É importante notar que a grande maioria das obras de arte integrada que aqui se apresenta foi fruto de encomendas feitas a Júlio Pomar. Era comum os arquitectos reservarem uma parte do orçamento geral de que dispunham para uma obra de arte de carácter decorativo, a ser colocada numa das fachadas do edifício, solicitando-as aos artistas. Ao longo da sua carreira, Júlio Pomar colaborou com Keil do Amaral, Artur Pires Martins, Celestino Castro, Victor Palla e Bento de Almeida, Conceição Silva, Hernâni Gandra, João Abel Manta e Raul Hestnes Ferreira, entre outros.

A cerâmica e os vidros

As primeiras experiências cerâmicas do artista tiveram origem no *atelier* de um casal amigo, residente no Bombarral. Foi, contudo, durante a sua passagem, com Alice Jorge, pela Cerâmica Bombarralense Limitada, entre 1949 e 1954 e, mais tarde, pelo Estúdio Secla, nas Caldas da Rainha, entre 1955 e 1957, que nasceram centenas de pratos, travessas, jarras e outros objectos utilitários. De salientar a sua preferência por objectos com superfícies nas quais pudesse facilmente pintar, ao invés das peças tridimensionais, de vocação escultórica e mais complexa concepção.

É também com Alice Jorge que Júlio Pomar concebe uma série de elegantes jarras de vidro, na Fábrica-Escola Irmãos Stephens, na Marinha Grande, por intermédio do arquitecto Conceição Silva⁶, bem como dois painéis cerâmicos, um dos quais recentemente restaurado, pela CML, do qual se apresenta um pormenor na página seguinte.

⁶ Este arquitecto foi quem, aliás, “estabeleceu o contacto da fábrica vidreira com artistas como Jorge Vieira, Hansi Stael, Querubim Lapa e Sá Nogueira, além de Pomar e Alice Jorge (...)”. (Catarina Rosendo, informação extraída do texto do catálogo.)





As tapeçarias, os murais e os painéis pintados

Se os painéis cerâmicos, a par das tapeçarias realizadas na Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, se encontram entre as suas obras mais conhecidas, já os painéis pintados o são bastante menos. Tal dever-se-á, certamente, à localização na malha urbana (dos primeiros), e em colecções institucionais e particulares (das segundas), sendo que estas, devido ao seu carácter múltiplo, se encontram, por vezes também, a circular no mercado da arte.

O primeiro mural pintado por Júlio Pomar, a fresco, de que um grupo significativo de estudos preparatórios pode ser visto na exposição, foi o que realizou para o Cinema Batalha, no Porto, em 1948, tendo sido, infelizmente, mandado destruir por intermédio da Polícia Política do Estado, poucos meses após a sua conclusão. Painéis a óleo e amovíveis foram feitos pelo artista a partir de 1952, para diversos espaços (de vocação comercial e não só) sendo o mais notável, pelas suas dimensões e impacto visual, o que realizou, em 1960, para o Salão de Música de 1ª classe do Paquete Infante Dom Henrique, intitulado “Estaleiro”.

Os painéis de cimento policromado e esgrafitado contam-se entre as obras de arte integrada mais originais de Júlio Pomar, pelo carácter inovador das soluções plásticas encontradas. O artista terá mesmo sido, segundo palavras de um jornalista da época, o primeiro a fazer uso dessa técnica⁷.

Na moradia do Engenheiro Manuel Torres, na actual Avenida Dom Vasco da Gama, no Restelo, pode ver-se um destes exemplos.

“Decorativo, apenas?”

O período entre 1940, 50 e 60 corresponde portanto, em Júlio Pomar, a uma produção que é, não só intensa, como variada, e sobretudo acompanhada de uma reflexão profunda e informada acerca do conceito de “decorativo”. No artigo que dá título a esta exposição, “decorativo” é, para o artista, “a expressão, de todas a mais viva, da arte do nosso tempo”⁸.

Em décadas mais recentes, Júlio Pomar continuou a realizar obras de arte integrada, destacando-se os painéis cerâmicos para a Estação de Metropolitano do Alto dos Moinhos, em Lisboa, e o painel cerâmico “Julgamento de Salomão”, realizado para a Sala de Audiências do Tribunal da Moita, do qual se apresentam estudos na exposição.

⁷ Informação prestada por Catarina Rosendo, durante uma visita guiada à exposição.

⁸ Júlio Pomar, “Decorativo, apenas?”, *Arquitectura*, nº 30, Abril-Maio 1949.

O que é decorativo?

O que é um objecto “apenas decorativo”?
Servirá para alguma coisa?
Terá somente beleza, formas harmoniosas
e cores apelativas, sem “conteúdo”?

Proponho-te uma breve reflexão acerca
da decoração. Para que serve? Porque será
que as pessoas decoram as suas casas?
E será que a decoração só existe em
espaços interiores? Seria possível decorar um
edifício só por fora? E como?

Quando voltares para tua casa, verifica se
existem objectos à tua volta, durante o teu
percurso, que te chamem a atenção pela
sua “estética”. Observa as praças, edifícios e
jardins, e procura descobrir as obras de arte
dentro deles. Ficarás surpreendido com a
quantidade de objectos decorativos em teu
redor! Nota, sobretudo, se a presença desses
objectos – e o facto de repararares neles –
produz alguma alteração na tua relação com
os lugares onde vives e por onde passas.



Consegues identificar os materiais de que são feitos os objectos desta exposição?

Consegues saber, só de olhar para eles, qual a sua função?

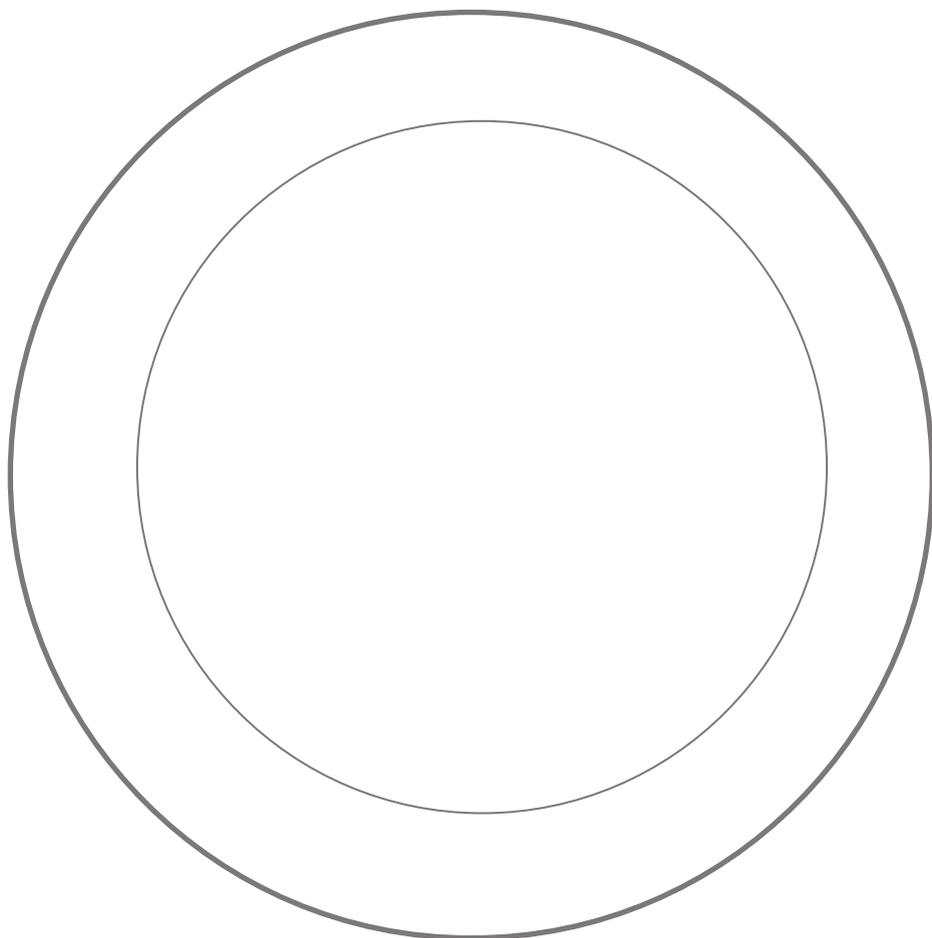
E que outras coisas consegues ver neles?

Repara principalmente nos objectos em barro pintado e no que representam. Já descobriste para que servem?

No teu espaço de trabalho, na escola ou em casa, nota como a forma das coisas está ajustada à sua função: um jarro precisa de um bocal para verter o líquido que nele se guarda, a base de um candeeiro de mesa tem de ser pesada para que este não caia, uma travessa deve ser larga para poder conter tudo o que nela se serve e uma jarra para as flores pode ter formatos muito diferentes... Serias capaz de inventar o teu próprio objecto?



Imagina que estás a comer sopa.
Que desenho gostarias de ver no fundo do teu
prato quando terminares a última colherada?
Faz aqui o teu desenho.

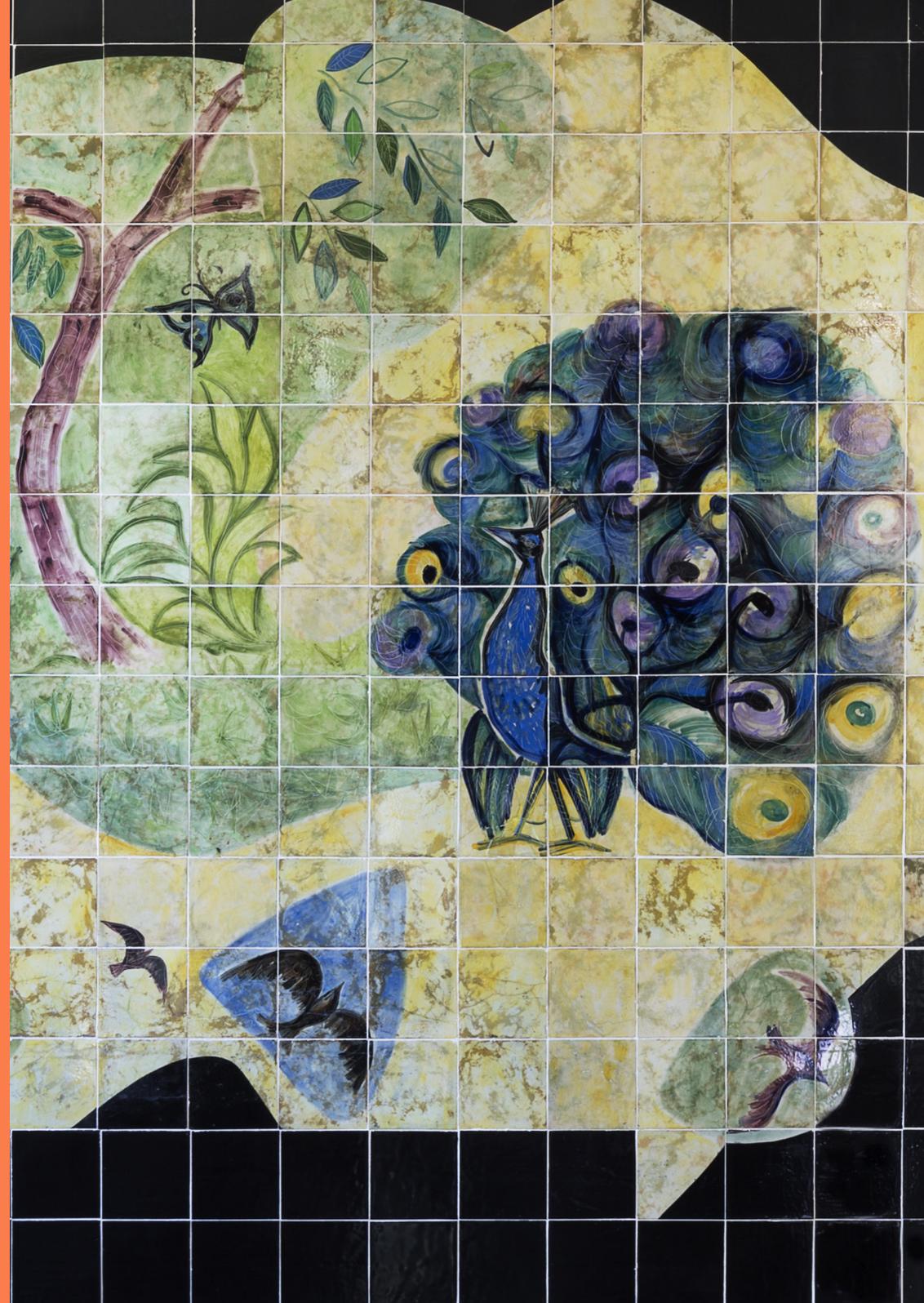


Animais e plantas

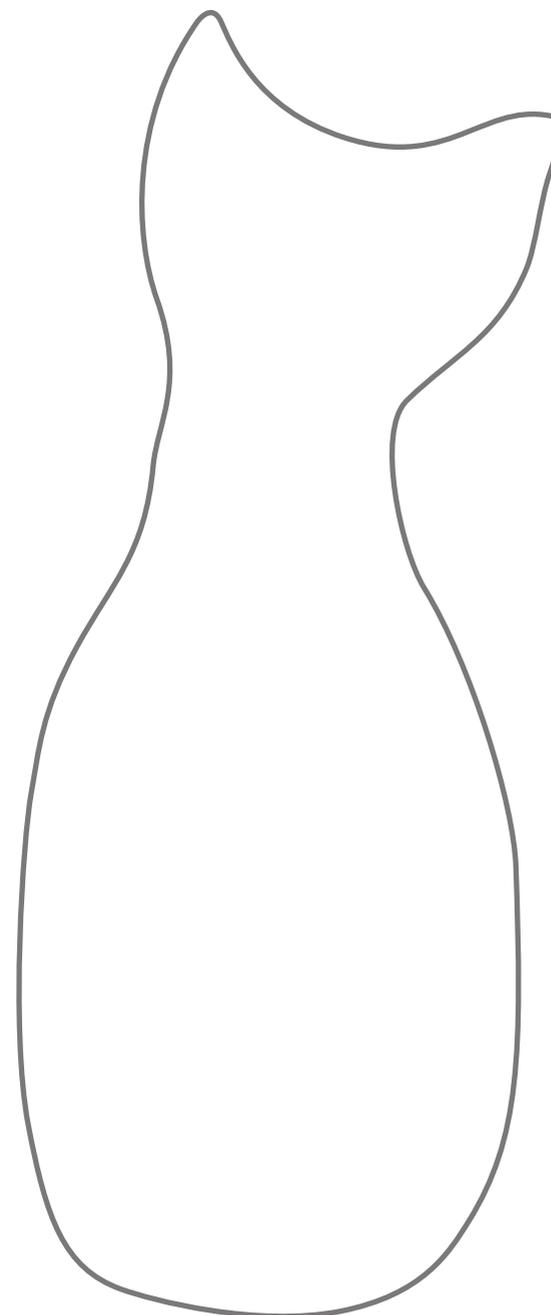
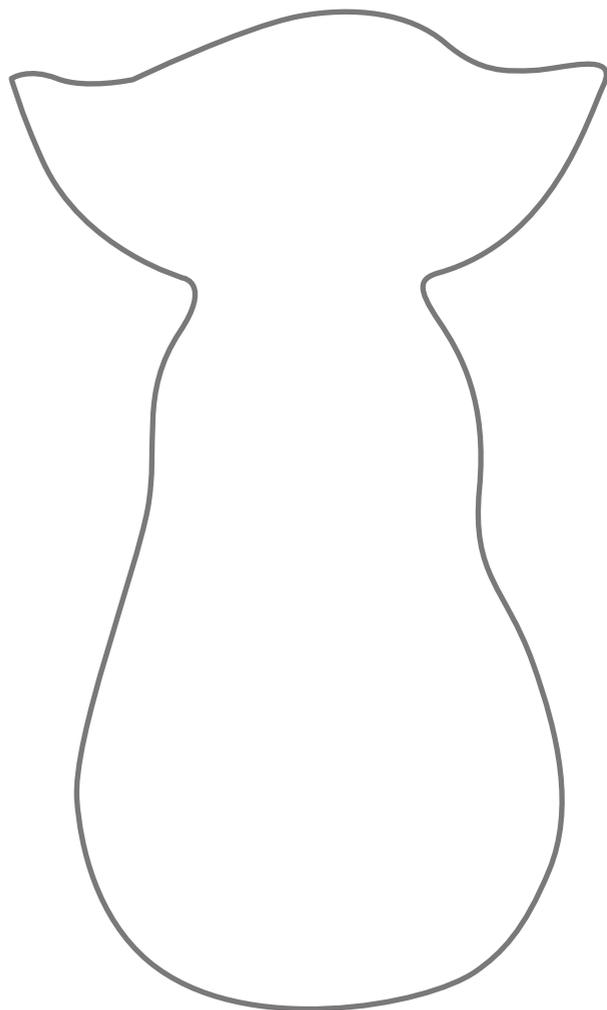
Em toda a exposição, encontrarás representações de animais e plantas. Começa por descobrir onde estão e quais são...

Depois de identificares todos os animais e plantas que encontraste, representa-os através do desenho, usando lápis de cores, de cera ou de pastel. Atenção! Não uses apenas os vulgares lápis da escola, os de grafite. É importante que uses cores!

Desafio-te para que representes todos os animais que identificaste usando apenas a tua memória e a tua imaginação. Desenha-os e pinta-os à tua maneira, tal como sabes que são, sem te preocupares se ficaram ou não parecidos com os que viste na exposição. Podes combiná-los uns com os outros e criar a tua própria história.



Que animais te lembram as formas
destes jarros?
Dá-lhes uma face, com olhos, boca e nariz.



Gostas de ouvir música?
E de dançar?
Quando costumavas dançar?

Observa alguns dos objectos e imagens desta exposição e procura identificar os instrumentos musicais que estão presentes, assim como o seu contexto. Conheces os sons que eles fazem? Reconheces as situações em que aparecem?

Se tiveres algum destes instrumentos na escola ou em casa, experimenta tocá-los e descobrir as suas possibilidades. Se te juntares com os teus amigos, experimentem juntos combinar os vários instrumentos e reparem na força do som criado em conjunto. É assim que nasce uma banda!



Quantas figuras consegues ver
nesta tapeçaria?
Indica o seu lugar o quadro.
(Algumas já estão assinaladas)



O respeito das tecedeiras

Ao longe talvez não consigas distinguir, mas ao perto verás que alguns dos “quadros” desta exposição são, na verdade, tapeçarias. Foram feitos por um conjunto de senhoras, que vivem em Portalegre, a partir de pinturas e colagens de Júlio Pomar.

Repara nos minúsculos pontos coloridos desses trabalhos. Quantas cores diferentes consegues identificar? Sabias que as tecedeiras de Portalegre são as pessoas que vêem mais cores no nosso país?

Elas são muito rigorosas, na transposição que fazem dos projectos que recebem. No caso do pintor Júlio Pomar, muitos nasceram de colagens com papéis pintados e rasgados, retalhos de pano, fotocópias a cores... E as tapeçarias mostram todos os “rasgões”, os fios dos tecidos, todos os acidentes que possam ter ocorrido no projecto, e não deixam nada de fora! Experimenta criar os teus próprios cartões, imaginando que o seu tamanho poderá vir a ser muito maior.



Imagina que tens uma tapeçaria
para compor.
Usa os recortes que tens em casa
(papel de lustro, revistas e jornais)
e ensaia-a aqui.



A expressão do traço

Notarás que a arte que une todas as obras desta exposição é, sem dúvida, o desenho. Ele está presente nos esboços, nos projectos, no “design” dos objectos e neles próprios, assim como nas tapeçarias e nos painéis pintados.

Desafio-te para reparares, em cada obra, nos vários tipos de traço que o pintor Júlio Pomar utilizou e para os caracterizares. É um traço fino ou grosso? Parece-te lento ou rápido? Negro, branco ou colorido?

Repara na sua expressão e nota se influencia as tuas sensações de leveza, delicadeza e sensibilidade, ou força, energia e violência. Regista essas sensações, no teu diário ou caderno gráfico, e procura reconstituir, para ti mesmo/a, a atitude do pintor em cada momento.



Sabes o que é um cavalo alado?

É um cavalo com asas que pode voar.

Estes cavalos só existem nos contos mitológicos.

Desenha as asas e os unicórnos que faltam nos 3 cavalos.



ATELIER MUSEU JÚLIO POMAR

Directora **Director**
Sara Antónia Matos

Adjunta de Direcção
Deputy to the museum director
Graça Rodrigues

Conservação e Produção
Conservation and Production
Sara Antónia Matos
Graça Rodrigues
Pedro Faro

Comunicação **Communication**
Graça Rodrigues

Assessoria de Imprensa **Press Office**
Pedro Faro

Investigação **Research**
Sara Antónia Matos
Pedro Faro

Coordenação Editorial
Editorial Coordination
Sara Antónia Matos

Visitas Guiadas **Guided Tours**
Ana Gonçalves
Teresa Cardoso

Serviços Administrativos
Administrative Services
Isabel Marques
Teresa Cardoso

Design do site **Web design**
Sara Aragão Antunes
Ricardo Maia Pestana

PUBLICAÇÃO **PUBLICATION**

Coodenação **Coordination**
Graça Rodrigues

Design Gráfico **Graphic Design**
Tempora Design

Texto **Text**
Ana Gonçalves

Fotografias **Photographs**
© **António Jorge Silva / AMJP 2015**
© **Luísa Ferreira / AMJP 2015**

Impressão **Printing**
Gráfica Maiadouro, Sa

Tiragem **Print Run**
500

Depósito Legal **Legal Deposit**
421248/17

2016
